



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR

KELLY LANDGRAF MARTINEZ RAZEIRA

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS SEM TERRINHA POR MEIO DAS
CANÇÕES

MATINHOS
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR

KELLY LANDGRAF MARTINEZ RAZEIRA

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS SEM TERRINHA POR MEIO DAS
CANÇÕES

Artigo apresentado como requisito parcial
à conclusão de Pós-Graduação em
Questão Social na Perspectiva
interdisciplinar, Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora/Professora: Dr.^a Elisiani
Vitória Tiepolo

MATINHOS
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Elisiani Vitória Tiepolo**, realizaram em 17 de agosto de 2019 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Kelly Landgraf Martinez Razeira**, sob o título "A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS SEM TERRINHA POR MEIO DAS CANÇÕES", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 17 de agosto de 2019.

Dra. Elisiani Vitória Tiepolo
Professora Orientadora

Dr. Gilson Waldemar Dahmer
Professor Integrante

Dr. Valdo José Cavallet
Professor Integrante

Kelly Landgraf Martinez Razeira
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

A formação da Identidade dos Sem Terrinha por meio das canções

Kelly Landgraf Martinez Razeira

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar a construção da identidade cultural dos Sem Terrinha, por meio das canções, a partir de uma pesquisa bibliográfica relatar as experiências das crianças do MST e como elas as expressam através das canções. Aborda também a maneira como as canções proporcionam processos de identificação com o Movimento, e sua atuação por meio de ações na luta. Os resultados desta pesquisa apontam que as canções compostas pelos Sem Terrinha, faz parte de sua construção, e em como se constituem como sujeitos críticos, demonstram como as crianças constroem sua identidade, sendo participantes e protagonistas, fortalecendo sua luta e pertencimento ao Movimento Sem Terra.

Palavras-chaves: Identidade. Cultura. Educação. Canções.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo identificar la construcción de la identidad cultural de los Sin Tierrita, por medio de canciones, a partir de una pesquisa bibliográfica relatar las experiencias de los niños del MST y como ellas las expresan a través de las canciones. Aborda también la manera como las canciones proporcionan procesos de identificación con el Movimiento, y su actuación por medio de acciones en la lucha. Los resultados de esta pesquisa apuntan que las canciones compuestas por los Sin Tierrita, forma parte de su construcción, y en cómo se constituyen como sujetos críticos, demuestran como los niños construyen su identidad, siendo participantes y protagonistas, fortaleciendo su lucha y pertenecimiento al Movimiento Sin Tierra.

Palabras-clave: Identidad. Cultura. Educación. Canciones

1 INTRODUÇÃO

O sentimento de pertencimento de grupo ou movimento social tem muita relação com a cultura, os símbolos, a prática, e as escutas compartilhadas. Nesse

contexto o desenvolvimento dessa pesquisa tem como eixo temático *A formação da Identidade dos Sem Terrinha por meio das canções*.

No início dessa pesquisa é apresentado um breve referencial teórico trazendo uma reflexão sobre a origem da natureza política e histórica do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Na cultura dos Sem Terra a canção é um importante símbolo da luta pela terra e de identificação dos militantes com o movimento. As canções são essenciais também, na construção da identidade social e política do sujeito denominado Sem Terrinha.

Essa pesquisa foi realizada por meio da análise bibliográfica, pautada na consulta e verificação documental de periódicos e sitio relacionados à temática, estudo dos textos de autores dedicados à infância no MST e à formação política dos Sem Terrinha. Faz-se também a transcrição e análise de algumas canções colhidas do CD Plantando Cirandas 3, que traz canções elaboradas coletivamente pelos Sem Terrinha.

2 CONTEXTO DO MST

*“— Meu patrão eu não vim te pedir
Vim cobrar o que é meu por direito
Nas estradas que já percorri
Vi retratos de sonhos desfeitos
Vi favela engasgada de fome
E o campo sem ter plantação
Mas agora paciência minguo
E aqui tô que tô seu doutor
E não tô só não...”*

(trecho da canção Coração do Brasil, autor Zé Pinto)

O MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se organiza a partir da questão agrária, que é estrutural e histórica no Brasil, e resulta de um processo de enfrentamento dos camponeses à situação de crise imposta ao trabalhador a fim de se contrapor ao modelo agrícola hegemônico.

Uma das questões de enfrentamento foi contra a Revolução Verde. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorreram profundas mudanças na agricultura mundial, tendo início, nos Estados Unidos, algumas invenções da guerra,

em destaques máquinas e produtos químicos, que passaram a ser usados em grande escala na agricultura.

Essas mudanças iniciaram no Brasil após os anos 1950, e protagonizaram a expulsão dos camponeses e o êxodo rural. Além disso o uso dos agrotóxicos e outros insumos e produtos químicos se constituíram como um novo modelo de produção agrícola, desprestigiando os saberes tradicionais e agroecológicos que teve por base a introdução de tecnologia à produção agrícola, visando aumentar a produtividade como forma de superar a crise da agricultura e dar resposta econômica aos agricultores. Essa chamada -“Revolução Verde”- acarretou inúmeras consequências ao meio ambiente como o desmatamento e o surgimento de pragas a partir da utilização de agrotóxicos, fungicidas, entre outros produtos, havendo uma alteração e contaminação em todo o ecossistema – solos, rios, animais, vegetais. Houve, também, consequências sociais pois, os pequenos agricultores foram ainda mais fragilizados frente aos grandes latifundiários, privilegiados pelo sistema econômico. Estes produziam em grande escala e os camponeses não tinham como competir, sem capital financeiro dificultando a sua permanência sendo obrigados a migrarem para as cidades. Expulsos do campo começaram a organizar ocupações em grandes latifúndios improdutivos.

De acordo com o sítio do MST uma das primeiras demonstrações de força, dos Sem Terra, ocorreu em 25 de julho de 1981, em um ato público com mais de quinze mil pessoas, noticiado pela imprensa de Porto Alegre como “a maior manifestação realizada por trabalhadores rurais na história do Rio Grande do Sul” ¹. Em todo o país, novos focos de resistência à ditadura das armas e das terras surgiram: posseiros, arrendatários, assalariados, meeiros, atingidos por barragens. As ocupações de terra se tornaram ferramenta de expressão camponesa e de contestação do autoritarismo.

O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela

¹ Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/70-82/content.html> Acesso 03 abril 2019

construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores. (CALDART, 2000, p. 207)

Nos primeiros anos de luta, os Sem Terra reunidos sob a bandeira do MST priorizavam a conquista da terra. Contudo perceberam que precisavam se organizar para atender as necessidades das famílias que formavam a comunidade de luta, a persistência da luta requeria conhecimentos para se reconhecerem como sujeitos protagonistas dentro do movimento. Dessa forma a educação tornou-se prioridade e uma ferramenta do Movimento, a luta pelo direito à escola começou a fazer parte da organização social de massas de luta pela Reforma Agrária, em que se transformou o Movimento dos Sem Terra. De acordo com Roseli Salette Caldart:

1. As famílias sem-terra *mobilizaram-se* (e mobilizam-se) *pelo direito à escola* e pela possibilidade de uma escola que fizesse diferença ou tivesse realmente sentido em sua vida presente e futura (preocupação com os filhos). As primeiras a se mobilizar, lá no início da década de 80, foram as mães e professoras, depois os pais e algumas lideranças do Movimento; aos poucos as crianças vão tomando também lugar, e algumas vezes à frente, nas ações necessárias para garantir sua própria escola, seja nos assentamentos já conquistados, seja ainda nos acampamentos. Assim nasceu o trabalho com educação escolar no MST.
2. O MST, como organização social de massas, decidiu, pressionado pela mobilização das famílias e das professoras, tomar para si ou assumir a tarefa de *organizar e articular por dentro de sua organicidade esta mobilização, produzir uma proposta pedagógica específica* para as escolas conquistadas, e *formar educadoras e educadores* capazes de trabalhar nesta perspectiva. A criação de um Setor de Educação dentro do MST formaliza o momento em que esta tarefa foi intencionalmente assumida. Isto aconteceu em 1987. E a partir de sua atuação o próprio conceito de escola aos poucos vai sendo ampliado, tanto em abrangência como em significados. Começamos lutando pelas escolas de 1ª a 4ª série. Hoje a luta e a reflexão pedagógica do MST se estende da educação infantil à Universidade, passando pelo desafio fundamental de alfabetização dos jovens e adultos de acampamentos e assentamentos, e combinando processos de escolarização e de formação da militância e da base social Sem Terra.
3. Podemos afirmar hoje que o MST *incorporou a escola em sua dinâmica*, e isto em dois sentidos combinados: a escola passou a fazer parte do cotidiano e das preocupações das famílias Sem Terra, com maior ou menor intensidade, com significados diversos dependendo da própria trajetória de cada grupo, mas inegavelmente já consolidada como sua marca cultural: acampamento e assentamento dos sem-terra do MST *têm que ter* escola e, de preferência, que não seja *uma escola qualquer*; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às

preocupações gerais do Movimento com a formação de seus sujeitos. (CALDART, 2003, p.62)

O sujeito que se denomina Sem Terra não luta apenas pela terra, mas objetiva-se na construção da sua identidade historicamente construída na luta por seus direitos. É nesse contexto que o MST inclui outras lutas sociais em busca do ideal de uma sociedade socialista, como por exemplo, o direito à educação pública e gratuita, à defesa do acesso à cultura, o combate à violência e à discriminação sexual, a democratização da comunicação, o direito à saúde pública, a defesa da diversidade étnica.

3. A CANÇÃO COMO SÍMBOLO DA LUTA DO MST

*A realidade se constrói sonhando juntos
De ver a todos revolver o chão de arado
Pois este anseio nada poderá detê-lo
Quando este apelo estiver unificado
E nesta ânsia por terra
Há tantos erguendo a mão
Mostrando os calos na palma
Ao perceber que na alma
Ferida não cicatriza
Enquanto o corpo precisa
Do nutriente do pão*

(trecho da canção Ânsia por terra, autores Clodoveu/Amiltinho)

As canções² são formas de expressões artísticas e culturais de um povo. Em sua construção pode-se perceber influências sociais e políticas e, também é uma ferramenta mediadora na construção da identidade dos movimentos Sociais.

² Gênero Textual: Canção trata-se de uma composição musical para ser cantado, o que envolve, necessariamente, uma preocupação com o ritmo, a seleção de palavras, a rima, enfim, com a musicalidade das palavras. Os gêneros textuais (poema e canção) trabalham com recursos expressivos, com a linguagem poética, apoiam-se em métrica fixa ou não, em rimas regulares ou não, mas tem no ritmo a sua marca essencial, tem modos de organização do discurso parecidos e visam a causar prazer estético.

O ritmo é muito ligado à música, aos instrumentos, aos arranjos etc. Os gêneros textuais poema e canção são bastante semelhantes. Ambos têm como objetivo fazer da língua o instrumento artístico capaz de tocar a sensibilidade do destinatário. São similares também quanto ao formato, pois são constituídos de versos, agrupados em estrofes e se caracterizam pelo ritmo. Assim, ambos os

A organização social de suas vidas, trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade criaram símbolos, manifestações artísticas e práticas culturais que representam suas experiências de vida, valores, tradições, utopias. A música e a poesia estiveram presentes desde o início do MST, cumprindo as importantes funções de animação da luta, celebração do trabalho e da vida, elevação do nível de consciência dos acampados e assentados, e também de propagandear o Movimento e a Reforma Agrária para a sociedade. (MST. Disponível em <http://www.mst.org.br/nossos-simbolos/> acesso em 28 de maio de 2019)

Os símbolos mediam a construção das relações, Maria Elizabeth Lucas afirma que:

“— é preciso reconhecer que o poder simbólico-afetivo dos códigos musicais na construção de identidades, sejam elas baseadas na nacionalidade, etnia, gênero, idade ou classe social, coloca a música em posição de destaque como elemento de reflexão sobre as transformações socioculturais” (LUCAS, 1995, p. 17).

As canções estão presentes, como ferramenta de comunicação entre os membros do grupo que compartilham os mesmos valores, compondo parte da construção de uma identidade simbólica do grupo:

Existe uma intencionalidade pedagógica específica nos Movimentos Sociais em relação ao processo através do qual uma ação pode ser transformada em saber, comportamento, postura, valor, símbolo, objeto. Portanto, a leitura das palavras e do mundo não se dá somente através da educação formal, pois há uma rede de atores, de sujeitos, de grupos sociais que pensam e produzem educação nos diferentes espaços por onde a vida transita. (CALDART, 2000, p. 229).

As canções que inspiram a luta do MST são de amor à terra e hinos de luta, compostas por militantes e amigos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São canções que expressam o significado da vida no campo, a resistência e a luta pela terra. Elas fazem parte da mística do Movimento. No MST a mística é uma

gêneros textuais (poema e canção) trabalham com recursos expressivos, com a linguagem poética, apoiam-se em métrica fixa ou não, em rimas regulares ou não, mas têm no ritmo a sua marca essencial e visam a causar prazer estético. (Disponível em : <http://linguaportuguesatotal.blogspot.com/2015/09/genero-textual-cancao.html>. Acesso 20 junho 2019)

ferramenta de conscientização e cultura no meio rural, pois o Movimento Sem Terra entende que através das canções as pessoas que vivem no meio rural participam de maneira mais ativa politicamente na construção da resistência na luta no campo:

A prática da mística acompanha a organização do MST desde suas primeiras mobilizações, e teve como principais incentivadores os “agentes religiosos” que apoiavam e prestavam assessoria ao Movimento. A mística é uma “espécie” de ritual e celebração que acontece de diversas maneiras e com significados e sentido variados. Sua prática dá-se nos mais variados lugares, como nos acampamentos, assentamentos, Encontros, Congressos e nas diversas manifestações que O MST empreende. De maneira geral, é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e diversos elementos simbólicos em seu interior. Entende-se a mística como uma “prática cultural e política” no MST, que é realizada de forma diversa e plural. (COELHO, 2017, p. 120)

Escrita em 1987, com a letra de Ademar Bogo, e musicada em 1988 por Willy Corrêa, o Hino do MST é um dos símbolos que representa as lutas que se desenhavam naquele período, um signo da unidade em torno de um ideal e que se constitui na mística do povo Sem Terra:

Vem façamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Braços Erguidos ditamos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão:

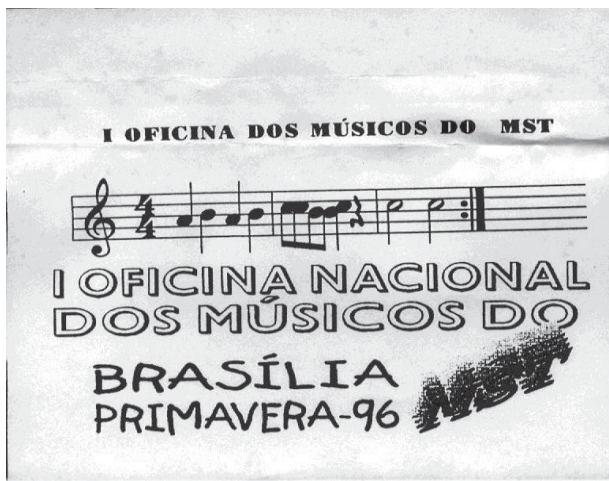
Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Nossa Força regatada pela chama
da esperança no triunfo que virá

forjaremos desta luta com certeza
 pátria livre operária camponesa
 nossa estrela enfim triunfará!

Vem, lutemos punho erguido
 Nossa Força nos leva a edificar
 Nossa Pátria livre e forte
 Construída pelo poder popular

A Sem Terra maranhense Divina Lopes diz: “O hino nos constitui enquanto militantes do MST e da classe trabalhadora. Todas as vezes que o cantamos, reafirmamos nosso compromisso com a luta pela terra, pela Reforma Agrária e pela transformação social”³. Essa reafirmação do empenho dos militantes e compromisso com a luta se evidencia no refrão do Hino : “- Nossa Força regatada pela chama da esperança no triunfo que virá /forjaremos desta luta com certeza /pátria livre operária camponesa nossa estrela enfim triunfará”.

O MST investe significativamente em uma produção musical própria com CD's como, por exemplo: Arte em Movimento (1998), com 19 músicas e 1 poema; Plantando Cirandas (2000), com 22 músicas; Cantares da Educação do Campo (2006), com 16 músicas e um livro onde constam 77 letras de músicas do Movimento.

	LADO A	LADO B
 <p>I OFICINA DOS MÚSICOS DO MST</p> <p>I OFICINA NACIONAL DOS MÚSICOS DO BRASIL</p> <p>BRASÍLIA PRIMAVERA-96</p> <p>MST</p>	1. HINO DO MST Ires/Betinho Letra: Ademar Bogo Música: Willy C. de Oliveira	12. FULORIÓ Zé Pinto/Betinho Letra e Música: Zé Pinto
	2. NÃO SOMOS COVARDES Zé Pinto e Marivaldo Letra e Música: Zé Pinto	13. NOSSA RESPOSTA Danilo/Daniel Letra e Música: João Pedro de Souza
	3. MANTER A ESPERANÇA Osvir/ Ires/ Marivaldo Letra e Música: Ademar Bogo	14. TODA CRIANÇA NA ESCOLA Zé Pinto/ Betinho Letra e Música: Zé Pinto
	4. CERCAS QUE GERAM MORTES Amiltinho/Betinho Letra e Música: Amiltinho	15. NOVO AMANHECER Marcos/Betinho/Graciano Letra e Música: Marcos e Adilson Monteiro
	5. DEVOÇÃO A AMAZÔNIA Zé Pinto/ Amiltinho Letra e Música: Zé Pinto	16. SEMPRE É TEMPO DE APRENDER Zé Pinto/Rita/Cristiane Letra e Música: Zé Pinto
	6. CANDELÁRIA Lucimar/ Marivaldo Letra e Música: Protásio Prates	17. NÃO ADIANTA INVENTAR OUTROS CAMINHOS Letra e Música: Zé Pinto
	7. ROCK DA REFORMA Marcos/Graciano/Betinho Letra e Música: Marcos e Adilson Monteiro	18. TERRA E RAIZ Letra e Música: Participantes da I Oficina Nacional dos Músicos do MST
	8. BANDEIRA DA VITÓRIA Tavares/Josias Letra e Música: Tavares	19. ASSIM JÁ NINGUÉM CHORA MAIS Zé Pinto/Osvir/Amiltinho Letra e Música: Zé Pinto
	9. SONHAR NÃO CANSA Ires/Graciano Letra e Música: Ademar Bogo	20. SOU CRIANÇA Letra e Música: Cristiane
	10. SONHAR GRANDE Letra e Música: Zé Pinto	
	11. O SER DA FLORESTA Letra e Música: Rihamar	

³ Disponível em : <http://www.mst.org.br/2015/06/11/sem-terra-homenageiam-willy-correa-compositor-que-musicou-o-hino-do-mst.html> Acesso 03 de abril 2019

(Disponível em : <http://www.mst.org.br/2016/05/30/i-oficina-nacional-de-musicos-do-mst.html>
- Acesso 03 abril 2019)

O compositor e também cantor Zé Pinto, se destaca como um dos principais criadores de canções do MST. Integrante do setor de cultura e produtor agroecológico, em suas canções o cantador Sem Terra defende a precisão de se “amar a terra e nela plantar semente” porque “a gente cultiva ela e ela cultiva a gente”, na canção Caminhos Alternativos⁴:



Disponível em : <http://www.mst.org.br/2017/12/06/uma-prosa-sobre-nos.html> Acesso 03 de
abril de 2019)

As expressões culturais criadas na década de 1990, como, por exemplo, as poesias, as canções e as artes visuais, foram se constituindo como símbolos de unidade em torno dos ideais e valores humanos e na perspectiva da conquista da terra, presente na canção Lamentos e Sonhos¹ que faz parte do CD “*Uma prosa sobre nós*”:

⁴ Canção vencedora do II Concurso "Cultura Popular e Cidadania nas Ondas do Rádio" (Disponível em : <http://www.criarbrasil.org.br> – Acesso 03 de abril 2019)

Deixamos um dia as Gerais
 Em direção ao norte
 Formos tentar nossa sorte em outro lugar
 Meu pai, minha mãe, meus irmãos,
 Tudo o que possuíam
 Era o sonho de um taco de terra pra poder plantar

A canção traz a descrição de uma família de retirantes que deixam o Estado de Minas Gerais em direção à região amazônica. Traz o retrato de novos movimentos de migração interna decorrentes do problema da falta da terra. O CD “Plantando Cirandas” foi o primeiro com canções infantis, produzido coletivamente por vários artistas militantes, e simpatizantes da Reforma Agrária:



(Disponível em HTML <http://www.mst.org.br/2015/06/22/plantando-cirandas.html>- Acesso 03 abril 2019)

O cantor Zé Pinto um dos compositores das canções presentes no CD “*Plantando Cirandas*”⁵ faz a seguinte afirmação: “Entendemos a canção como algo que brota de um suspiro profundo de paixão e harmonia, da alma, do coração, das tristezas e alegrias. E é por isso que nos conduz a lugares que parecem tão distantes”. O cantor enfatiza que “a música é sem dúvida, o jeito mais fácil e agradável de socializar educação, sonho e sabedoria, de semear o amanhã soletrando liberdade, paixão e cidadania”.

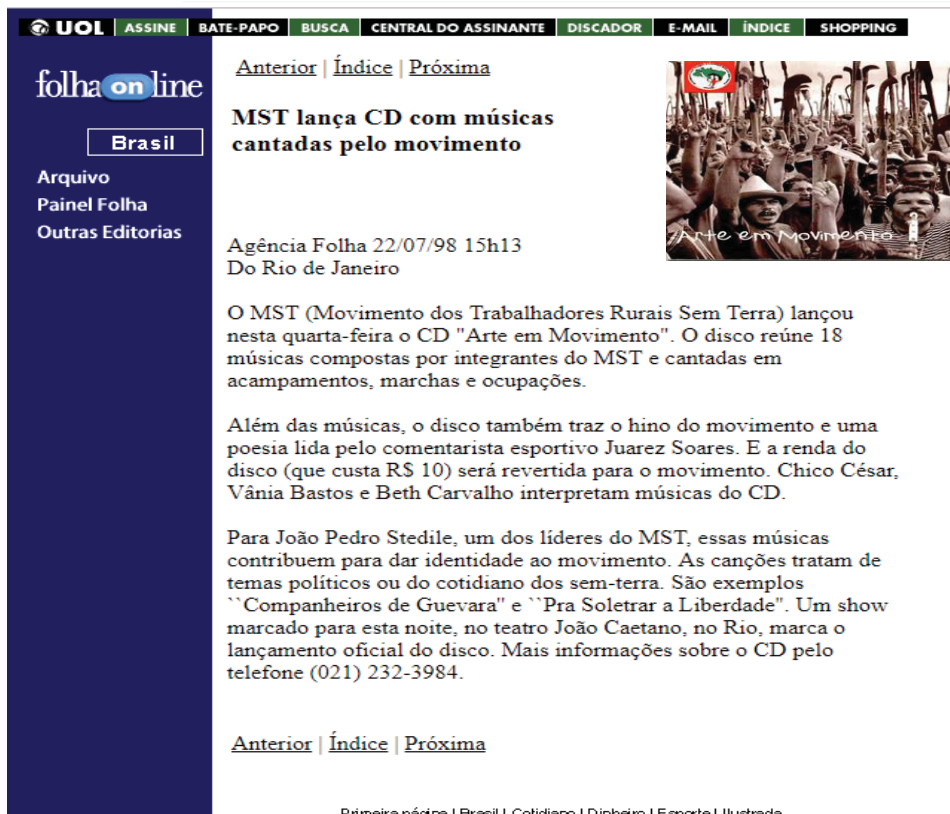
A arte expressa a capacidade que o ser humano tem de criar e, as canções, os poemas, são também a luta, como são as escolas, os barracos, as marchas. Todo

⁵ Disponível em:

<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Plantando%20Cirandas%202.pdf> acesso 03 de abril 2019.

esse movimento, toda essa prática vivenciada vai se transformando em conhecimento adquirido e construído coletivamente e isso vai se transformando em cultura.

O CD “Arte em Movimento”, com 18 músicas compostas por integrantes do MST e cantadas em acampamentos, marchas e ocupações foi matéria da Folha UOL do Rio de Janeiro no ano de 1998:



The screenshot shows a news article on the Folha UOL website. The header includes navigation links: UOL, ASSINE, BATE-PAPO, BUSCA, CENTRAL DO ASSINANTE, DISCADOR, E-MAIL, ÍNDICE, SHOPPING. The article title is "MST lança CD com músicas cantadas pelo movimento". It is dated 22/07/98 15h13. The text describes the launch of a CD titled "Arte em Movimento" by the MST, featuring 18 songs composed and performed by movement members. It also mentions a poetry reading by Juarez Soares and a show at the João Caetano theater.

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

MST lança CD com músicas cantadas pelo movimento

Agência Folha 22/07/98 15h13
Do Rio de Janeiro

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) lançou nesta quarta-feira o CD "Arte em Movimento". O disco reúne 18 músicas compostas por integrantes do MST e cantadas em acampamentos, marchas e ocupações.

Além das músicas, o disco também traz o hino do movimento e uma poesia lida pelo comentarista esportivo Juarez Soares. E a renda do disco (que custa R\$ 10) será revertida para o movimento. Chico César, Vânia Bastos e Beth Carvalho interpretam músicas do CD.

Para João Pedro Stedile, um dos líderes do MST, essas músicas contribuem para dar identidade ao movimento. As canções tratam de temas políticos ou do cotidiano dos sem-terra. São exemplos "Companheiros de Guevara" e "Pra Solettrar a Liberdade". Um show marcado para esta noite, no teatro João Caetano, no Rio, marca o lançamento oficial do disco. Mais informações sobre o CD pelo telefone (021) 232-3984.

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Primeira página | Brasil | Cotidiano | Dinheiro | Esporte | Ilustrada

(Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fof/pol/ult220798045.htm> Acesso 03 abril 2019)

A matéria sobre o lançamento do CD destaca a fala de João Pedro Stedile, um dos líderes representantes do MST, que diz: “essas músicas contribuem para dar identidade ao movimento. As canções tratam de temas políticos ou do cotidiano dos sem terra...”.

Representando uma das principais linguagens artísticas do Movimento, as canções são cantadas nas marchas, nas escolas, nos encontros, nas festividades, nas rádios; em quase todos os eventos as canções estão presentes, trazendo através de letras a mensagem da luta pela Reforma Agrária, de justiça social, de exclusão, de agroecologia, de educação, de paz.

3 IDENTIDADE DA CRIANÇA SEM TERRA

*Somos Sem Terrinha de poder
 Eu quero minha terra
 Chega de sofrer na lona preta
 Eu quero a minha terra
 Um dia a Reforma Agrária vai sair
 Eu vou ter a minha terra
 Acabar com o latifúndio do Brasil
 Pra ter a minha terra
 E ver a bandeirinha vermelhinha
 Dentro da minha terra
 Somos Sem Terrinha de poder
 Vamos plantar e proteger
 Pra ver o que vai acontecer*

*(Canção Sem Terrinha de poder,
 composição: Crianças do Acampamento
 8 de Março, Planaltina/ DF)*

A construção da identidade da criança como sujeito se faz por meio de um processo social de influências em que a criança está inserida. A identidade é construída desde o início da vida do indivíduo e se dá ao longo da vida, se faz a partir da interação deste com o meio social em que está inserido. O sujeito enquanto ser singular e social, desenvolve-se em um contexto multicultural:

ao constituir-se num determinado sujeito, o homem interioriza significações (com valores, ideias) e a própria ideologia presente nesta, num movimento denominado de subjetivação. E ainda, exterioriza-se, de uma forma peculiar, num movimento denominado de objetivação. Portanto, se sujeito é ser, ao mesmo tempo, subjetividade e objetividade, é ser objetividade que se subjetiva, subjetividade que se objetiva, constantemente (Maheirie 2003, p. 63 e 64).

A família é a primeira instituição onde tem o início a descoberta de identificação que se dá gradativamente, conforme o desenvolvimento da criança. Dessa forma, além da família, a escola, grupos de amigos, instituições religiosas contribuem na construção de sua identidade, e a criança se constitui como sujeito e constrói seus conhecimentos a partir da interação com as pessoas e com o mundo em que vive:

Ao cuidar de uma criança, já estamos educando-a, pois dependendo da forma como atendemos suas necessidades básicas ela irá

formando hábitos, sentimentos, se desenvolvendo fisicamente, afetivamente, socialmente e intelectualmente. É importante que tenhamos sempre presentes em nossas atitudes, para com o outro e para com a gente mesmo, os valores e princípios da sociedade que queremos construir. (MST, 2011, p.35)

Devido às ações vivenciadas no MST, no decorrer dos anos as crianças do Movimento começaram a serem identificadas com o nome próprio Sem Terrinha. São crianças da classe trabalhadora que crescem na organização do próprio Movimento como espaço de criação, ação e reflexão. Os Sem Terrinha têm suas próprias reuniões, assembleias, mobilizações, para brincarem, também para participarem e interagirem nas propostas nos espaços infantis em cada local seja acampamento, assentamento ou escola. Essas vivências contribuem para sua formação como indivíduos promovendo a consciência política, desenvolvendo o conhecimento de si e do mundo desde para compreender e modificar a realidade:

[...] na história do Movimento, a participação ativa das crianças também foi sendo construída. De serem filhos de sem-terra, conseguem estudar numa escola que assumisse a Pedagogia do MST e fazerem parte das ações que envolvem a luta, até participarem de espaços de mobilizações que lhes são próprios. Desde 1994, crianças de todo o país participam de encontros Sem Terrinha, ocasião em que se conhecem, trocam experiências, discutem sobre suas causas, planejam ações coletivas, cantam, brincam e reforçam sua identidade com o Movimento. Além disso, participam das ações do MST que envolvem toda a família e realizam suas próprias mobilizações. Elas também expressam seus sonhos em relação ao Brasil por meio de concursos de redações e desenhos promovidos pelo Movimento (ARENHART, 2007, p. 55)

O MST, em sua construção histórica, inclui as crianças no processo de luta, compreendendo que as experiências da ação de mobilização se tornam significativas na formação da criança Sem Terrinha, que desde cedo aprendem a utilizar seu espaço dentro do Movimento como sujeitos ativos na luta e conquistas de seus direitos.

crianças. Esse responsável organiza juntamente com as crianças as atividades nas reuniões do núcleo ou grupo que acontecem periodicamente nos vários acampamentos⁶ e assentamentos⁷.

4 AS CANÇÕES COMO EDUCAÇÃO E CULTURA DOS SEM TERRINHA

Os costumes, comportamentos, valores, ensinamentos são heranças culturais que recebemos de nossos antepassados como se fossem objetos de uso, os utilizamos sempre que necessitamos e às vezes sem nos dar conta. Por isso é que há culturas diferentes, pois além de tudo ela é produzida em um certo lugar com determinadas condições que não existem em todos os lugares. Isto pode ser empregado para se analisar um povo ou simplesmente uma organização social que vai modificando suas características culturais com o passar do tempo. (BOGO, 2000, p.10)

Compreendendo que a cultura é algo comum em toda sociedade, se constitui em um processo de construção da organização dos sentimentos coletivos, por meio das experiências vividas dos grupos sociais em um determinado período histórico, a cultura e a arte fazem parte da caminhada de luta do MST:

Cada cultura comporta, em sua dinâmica social, um conjunto de valores comuns àqueles que dela compartilham e que a tornam específica em relação a outras culturas. É, assim, uma esfera que gera identidade entre seus membros e que define, portanto, não só categorias para a inclusão ou exclusão, mas também a afirmação dos sujeitos sociais enquanto produto e suporte das lutas sociais e políticas de grupos ou comunidades inteiras [...] enquanto elemento da construção social destes setores no interior de suas diversas relações sociais. (BEZERRA, 2006,p.51)

⁶ Acampamento é como os Sem Terra denominam o local onde acampam durante um período que tem como característica um momento de passagem. Segundo Roseli Salet Caldart os acampamentos podem ser considerados como cidades “de barracos de lona” (CALDART,2000, p. 176), em uma referência ao material e ao tipo de habitação que são utilizados nessa manifestação social. Ainda segundo a mesma autora, os acampamentos podem ser construídos na área que se pretende transformar em assentamento, ou à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas, etc. Cada um deles demanda estratégias de sobrevivência diferentes, mas todos visam explicitar a luta, pressionar governos e mobilizar a opinião pública sobre a questão da terra.

⁷ O assentamento é considerado tanto por estudiosos da área quanto pelo próprio movimento social como um momento da luta diferenciado do acampamento, posto que o assentamento dos trabalhadores é um indicador de que a terra já foi ‘conquistada’, e começa-se a organizar uma nova comunidade (CONCRAB.Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil, 2004;).

De acordo com a UNESCO (2000), Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. Podemos compreender que as músicas do MST fazem parte do patrimônio cultural imaterial do movimento, e esse patrimônio faz parte na formação dos Sem Terrinha como sujeitos.

As canções presentes no CD Plantando Ciranda 3 foram produzidas coletivamente pelos Sem Terrinha de diversos acampamentos e assentamentos. É o primeiro CD da coletânea Plantando Cirandas, sendo as canções compostas e cantadas pelos Sem Terrinha. A Sem Terrinha Luana Lourenço⁸, de 10 anos, que vive no Assentamento Carlos Lamarca, em São Paulo diz: “— O CD está bom porque tem muitas músicas boas e são crianças que cantam para as crianças e não adultos”. As canções são reflexões das vivências dessas crianças, expressam a rotina da vida no campo, como afazeres, brincadeiras, como também refletem a consciência da importância da luta para aquisição de seus direitos.



Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Plantando%20Cirandas%203.pdf>- Acesso 03 de abril 2009)

⁸ Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/02/12/sem-terrinha-em-comemoracao-dupla-na-ciranda-infantil-paulo-freire.html> Acesso 03 de abril 2019

A canção *Infância Sem Terrinha*, composta pelas crianças do Assentamento Valdício Barbosa dos Santos Braço do Rio, Conceição da Barra/ ES, expressa o conhecimento adquirido pelos Sem Terrinha por meio da prática promovido além dos muros da escola que contribuem na formação integral do sujeito:

A infância Sem Terrinha é muito boa de se viver
 No lugar onde moramos todos plantam pra colher (2x)
 Os Sem Terrinha fazem luta, luta pra valer
 Pois se a luta é difícil, é difícil de vencer
 Numa roda de ciranda a gente canta com prazer (2x)
 As cantigas de criança nos alegam pra valer
 A lição que aprendemos vai além do ABC
 A educação do campo é do MST (2x)

(Disponível

em:

<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Plantando%20Cirandas%203.pdf> - Acesso em: 05 junho 2019)

A Escola tem sido tradicionalmente idealizada como um espaço de transmissão de saberes, de aprendizagem, de ensino do patrimônio e do conhecimento, sendo uma educação voltada para escolarização. Mas dentro do Movimento a educação dos Sem Terrinha vai além da teoria, pois ela se constrói a partir da prática, além dos saberes científicos, e há os saberes formados no coletivo, o cultivo da terra, a luta pela garantia dos seus direitos, a solidariedade.

A canção *Palestina Livre* mostra os valores de solidariedade dos Sem Terrinha com as crianças palestinas, composição das crianças dos assentamentos Palmares, 26 de Março, Lourival Santana, 1º de Março e Nega Madalena, e dos Acampamentos Frei Henri, Dalcídio Jurandir, Helenira Resende e João Canuto - Parauapebas/ PA:

Convidamos as crianças
 Pra pintar no muro da desigualdade
 É o Sem Terrinha cantando
 E ocupando com a sua ginga
 Reforma Agrária
 Justiça e liberdade, uma canção de roda
 Palestina livre: um sonho
 Que também é brasileiro, ô, Palestina!
 Menino livre
 Solta pipa e joga bola
 Plantando ciranda
 Pra colher a vida inteira
 Gosto de brincar de roda

No terreiro pular corda
 Pião, jogar pedrinhas
 Pega-pegas, amarelinha
 Lá na árvore contei dez
 Todo mundo se escondeu
 Esconde aqui, esconde acolá
 Corre, corre vou lhe achar
 Samba livre
 Nossa ciranda
 Convida tuas crianças
 Pra dançar na roda
 E de mãos dadas
 Sonhando a liberdade
 A ser conquistada, ô, Palestina!

A conscientização das crianças Sem Terra se expressa através da música *Vida de Sem Terrinha*, com composição e vozes: Crianças dos Assentamentos Barro Azul, 1º de Junho, Ulisses e Oziel Alves Pereira - Governador Valadares/ MG:

Laiá, lá, laiá, laiá, lá, laiá, laiá, lá, laiá, laiá (2x)
 Nós somos os Sem Terrinha, gostamos de estudar
 Aqui no assentamento, na escola e em nosso lar
 Mas como somos crianças queremos também brincar
 Assim a mamãe falou: brincadeira é muito bom
 Vou brincar de pique-pique, vou jogar bola de meia
 Vou brincar de cozidinho, cantar roda a noite inteira
 Tem que ter educação, no campo e na cidade
 E a criançada em roda pra mudar a sociedade
 Laiá, lá, laiá, laiá, lá, laiá, laiá, lá, laiá, laiá (2x)

(Disponível

em:

<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Plantando%20Cirandas%203.pdf> - Acesso em: 05 junho 2019)

Através de ações e reflexões vividas no Movimento os Sem Terrinha vão construindo um modo crítico de ler o mundo, com valores pautados na luta do povo, compreendam os direitos que lhes são negados, como por exemplo: moradia, educação, saúde, cultura, etc. Pode-se observar esses valores através da canção *Lira da Reforma Agrária* com composição das Crianças do Grupo Coletivo 14 de Agosto, Ariquemes/ RO:

Chora lira, chora lira, chora lira, lira lá
 Se o povo não tem terra
 É que a lira quer chorar (2x)
 Um taco pra cada um já basta pra ser feliz
 Colher fruto sem veneno pra alimentar o país

Quem escolhe brincadeira pra criança ser feliz
 Esta é lira da reforma agrária
 Que nasceu do sonho dessa meninada (3x)
 Canta lira, canta lira, canta lira, lira lá
 Se o povo conquista a terra
 É que a lira quer cantar
 Porque o nosso modelo é da agroecologia
 Sonhar de barriga cheia pra florir de alegria
 Tomar banho de cultura estudar na poesia
 Esta é lira da reforma agrária
 Que nasceu do sonho dessa meninada (4x)

As canções compostas pelos Sem Terrinha relatam e fatos que permeiam a vida nos assentamentos e acampamentos e também como meio de aprendizagem e recriação de elementos culturais da infância no campo, favorecendo o reconhecimento como sujeitos sociais, criando desse modo o sentimento de pertencimento no Movimento como sujeito do campo:

Da Luta brota a vida
 (Letra: Crianças do Grupo Filhos da Terra dos Assentamentos Califórnia, Nova Conquista e João do Vale - Açailândia/ MA)

Sou Sem Terrinha, sou guerreiro vencedor
 Sou desse chão, de onde brota o amor
 Muito prazer, vou cantar, meus direitos defender
 Trazendo nessa toada "Viva o MST!"
 (Refrão)

Da luta brota a vida, da vida brota o amor
 Aqui em nosso assentamento, nosso povo é lutador
 Sou Sem Terrinha Guerreiro, filho de trabalhador
 Sou Sem Terrinha Guerreiro, filho de trabalhador
 (Refrão)

No assentamento onde eu moro, há muita transformação
 Pois todo mundo trabalha em prol de nossa nação
 E nossa comunidade mora no meu coração
 E nossa comunidade mora no meu coração
 (Refrão)

Ser Sem Terrinha é aprender a viver em liberdade
 Sabendo reconhecer que essa é sua identidade
 Fazer a própria história, mudando a realidade
 Fazer a própria história, mudando a realidade
 (Disponível

em:
<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Plantand o%20Cirandas%203.pdf> - Acesso em: 05 junho 2019)

Como Sem Terrinha, as crianças têm consciência de sua condição de cidadãos de direitos negados e se mostram atentas a sua realidade, em plena construção de seu ser afetivo, social e político, traz as marcas dessa história.

Através das canções elas expressam o conhecimento da realidade enfrentada e a possibilidade de lutarem pela transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecer algumas das canções do MST, fiquei muito tocada de como elas expressam a realidade das crianças do Movimento, os sentimentos de luta, e de como são motivadoras. Ao iniciar essa pesquisa não tinha conhecimento da realidade dos Sem Terrinha, e de seu espaço no Movimento. Os Sem Terrinha, como filhos dos militantes do MST, estão inseridos desde cedo nas ações do Movimento, muitos deles já nasceram em meio aos conflitos decorrentes da luta pela terra e pela reforma agrária.

Nas canções do CD “- Plantando Ciranda 3”- se evidencia o protagonismo dessas crianças no Movimento, e como fazem parte da construção dos Sem Terrinha como sujeitos críticos, e produtores da própria história.

As canções são representações da realidade, demonstram a identidade das crianças e o modo que se identificam como Sem Terrinha, descrevem desde a simplicidade da infância no campo como também expressam sentimentos de indignação com a injustiça social, demonstram suas angústias, - sofrimentos e anseios, vivenciando ações práticas e luta coletiva. Por meio delas, as crianças compreendem que têm direitos e lutam por uma transformação social.

O sentimento de pertencimento dos Sem Terrinha também se encontra expresso nas canções, gerando identidade no indivíduo e faz com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, como o MST se empenhe coletivamente e lute por uma sociedade mais justa, promovendo uma reflexão sobre a vida e o ambiente, criando um pensamento mais crítico e reflexivo dentro de uma perspectiva emancipatória.

REFERÊNCIAS

ARENHART, D.; **Infância, educação e MST quando as crianças ocupam a cena.** Chapecó: Argos, 2007.

BEZERRA, C. S. **Tese- Globalização e Cultura – Caminhos e descaminhos para o nacional popular na era da globalização**. 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BOFF, Leonardo . **Ética do humano: compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CALDART, R. S. **A Escola do Campo em Movimento, Coletivo Nacional de Educação do MST** . Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) Brasil.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra, Petrópolis: Vozes, 2000a.**
https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf.- Acesso em: 22abril. 2019

COELHO, F. (2017). **A prática da mística e a construção de uma memória histórica no MST**. *História Revista*, 22(1), 119-138.

Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil - CONCRAB. (2004). **Novas formas de assentamentos de reforma agrária: A experiência da Comuna da Terra**. Brasília, DF: CONCRAB/INCRA/CRT

LUCAS, M.E. **Etnomusicologia e globalização da cultura: notas para uma epistemologia da música no plural**. Pauta, v. 9/10, p.16-21, 1994/1995.

MAHEIRIE, K. Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambiguidade dos movimentos sociais. *In: ZANELLA, A.V. (et al.) (org.). Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2003.

MST. **O MST e a Cultura. Caderno de formação nº. 4. Edição: ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, Estrada municipal, 1140 - Bairro Parateí 08900-000 - Guararema - SP**

MST. **Educação da Infância Sem Terra. Orientações para o trabalho de base. Caderno da Infância, nº. 1**. São Paulo: Setores de Educação, Gênero e Cultura, 2011.

UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/intangible-heritage/> - Acesso em: 05 junho 2019.

MAHEIRIE, K. Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambiguidade dos movimentos sociais. *In: ZANELLA, A.V. (et al.) (org.). Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2003.